FRIEDMANN, Adriana, A Arte de Brincar. 2° ed. São paulo: Vozes, 2003 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O Brincar e suas Teorias . São Paulo: pioneira Thonson Learning, 2002
----------Jogos Tradicionais Infantis: jogo, a criança e a educação. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993
----------Jogos Tradicionais do Brasil. São Paulo: LABRIMP,
ROSA, Nereide Schilaro santa. Brinquedos e brincadeiras: São Paulo: Moderna, 2001
SANTOS, S anta Marli Pires dos. Brinquedotecas. sucata vira brinquedo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
WAJSKOP, Gisela. Brincar na Pré Escola. São Paulo: Cortez, 1995
MEC, Ministerio da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
BENJAMIN, Valter. A criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus editorial, 1984.
CUNHA, Nylse Helena da Silva. Brinquedo, desafio e descoberta – Subsídios para a utilização e confecção de brinquedos. Rio de Janeiro: FAE, 1988.

A IMPORTÂNCIA DO AFETO NA SALA DE AULA

MARIA DA CRUZ SILVA SOARES DIAS

RESUMO

Na atualidade o estudo sobre a importância e a contribuição do afeto nas salas de aulas ainda representa uma lacuna nas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento educacional. A escola ainda continua à margem da competência emocional e afetiva, e da importância e dos efeitos positivos da prática do afeto nas salas de aulas. Neste trabalho o foco de interesse é a eficácia da afetividade, pois para haver aprendizagem deve haver troca que deve ser permeada de afeto. A afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional, e a escola é meio de intervir, oferecendo metodologias específicas voltadas ao desenvolvimento da sensibilidade e do afeto do educando. Através de pesquisas bibliográficas foram obtidos dado relevantes que contribuíram para a compreensão de como o afeto aplicado na sala de aula pode contribuir para o processo de aprendizagem, e que é possível encontrar caminhos para que esse tema seja discutido e encaixado no currículo escolar. Diante dessas constatações cabe ressaltar a importância da educação afetiva no contexto escolar e familiar como um princípio evidentemente eficaz na construção da personalidade do educando. Com tais informações, pode-se contribuir para que o afeto faça parte da prática educativa, assim como conscientizar os pais sobre a responsabilidade de ser a base da educação emocional e afetiva dos filhos, pois, as lições afetivas vivenciadas na infância podem trazer implicações e marcas profundas, positivas ou negativas, para o resto da vida de um indivíduo.
PALAVRAS- CHAVES: Educando; Afeto; Educador.

ABSTRACT

Currently, the study on the importance and contribution of affection in classrooms still represents a gap in research related to educational development. The school still remains at the margins of emotional and affective competence, and the importance and positive effects of the practice of affection in classrooms. In this work the focus of interest is the effectiveness of affectivity, because for there to be learning there must be exchange that must be permeated with affection. Affectivity is the basis on which rational knowledge is built, and the school is a means of intervening, offering specific methodologies aimed at the development of the sensitivity and affection of the student. Through bibliographical research, relevant data were obtained that contributed to the understanding of how the affection applied in the classroom can contribute to the learning process, and that it is possible to find ways for this theme to be discussed and embedded in the school curriculum. Before these is contained.
KEYWORDS: Educating; Affection; Educator.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da importância do afeto na sala de aula como uma forma eficaz de contribuição para o aprendizado, tratando com afinco a questão da afetividade dentro das salas de aula no Brasil, mostrando a fragilidade e indisciplina dos educandos e o grande desafio do professor de desenvolver as habilidades de um ser povoado de sentimentos, dores, incertezas e inquietações. A escola não pode limitar-se a educar pelo conhecimento destituído da compreensão do homem real, de carne e osso e emoções.

O processo de aprendizagem se realiza através do relacionamento entre alunos e professores, alunos e alunos, professores e professores e entre alunos, professores e direção; e esse relacionamento é res-

ponsável, em muitos aspectos pelo sucesso ou fracasso da aprendizagem. Esta dimensão humana do processo da aprendizagem é o foco principal desta pesquisa baseada em autores como Celso Antunes, Paulo Freire, Gabriel Chalita, Daniel Goleman, Augusto Cury e demais escritores e educadores que tratam a afetividade como um dos elementos essenciais para o sucesso da educação.
Foram expostas as características de um educador ideal, que além da competência, deve ter um equilíbrio emocional ao tratar com o educando. O afeto é um dos alicerces para haver um conhecimento significativo, pode até mudar vidas e reescrever histórias; esse sentimento pode causar na vida de um indivíduo marcas profundas positivas ou negativas e o educador deve ser o facilitador de ambientes afetivos capaz de demonstrar amor e carinho para todos em sala de aula, independente das diferenças, oferecendo ferramentas necessárias para que o educando construa o seu caminho baseado em valores morais e afetivos, promovendo êxito na construção do conhecimento.

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho foram desenvolvidas coleta de dados através de pesquisas bibliográficas reunindo informações de livros e artigos, e através de observações direta junto com professores em sala de aula.
As observações em sala de aula foram focadas principalmente na interação do educador e educando no dia a dia escolar; as informações colhidas nas observações concluem que o educador é o grande responsável em gerar e estimular um ambiente afetivo.

DESENVOLVIMENTO

SALA DE AULA: CAMPO MINADO PARA AS EMOÇÕES

A escola é um ambiente social que agrupa diversas realidades e inúmeras histórias o que torna naturalmente as relações difíceis e complicadas. O professor não está satisfeito com a inflação, com o salário, com o problema de casa, com o filho problemático, e são diversas as dificuldades, e se apresentam na sala de aula com um humor e atitudes inconstantes. O aluno está ansioso, solitário e medroso e as aulas vão se transformando em um campo de batalha onde todos são perdedores, onde a violência e o desrespeito violentam o emocional dos que são parte da sala de aula dissipando a relação do educando e educador, que para preservarem-se, preferem o isolamento e para se defenderem apelam para a violência.
A violência a cada dia cresce mais nas escolas e dentro das salas de aulas; jovens são humilhados, professores violentamente agredidos, tornando-se depressivos, adoecendo coletivamente sem nenhuma expectativa de continuar em sala de aula. A sociedade tem-se embrutecido de forma espantosa.
Alunos agredidos, livros roubados, alunas assediadas, funcionários humilhados, ofensas entre professores e alunos. Todos esses são exemplos de situações internas à escola que precisam ser enfrentadas com a mesma firmeza com que debatemos a violência do mundo em geral. Do contrário, nosso papel formador não será cumprido. Tudo no ambiente escolar tem caráter pedagógico. Compreender como o abuso do álcool ameaça quem está ao volante (e também quem está nas ruas e no convívio doméstico), desenvolver projetos que mostrem como a intolerância, a injustiça e o preconceito resultam em violência (tanto entre nações como entre pessoas), estabelecer paralelos entre o que se vive na escola e o que se vê fora dela são apenas alguns exemplos de como não fugir dessa difícil questão. Numa sociedade violenta, a escola deve se contrapor abertamente à cultura de agressões. Acredito que as situações que dizem respeito a questões internas devem ser tratadas nos conselhos de classe, identificando responsabilidades, garantindo as reparações e promovendo formação. Mas a atitude firme contra a violência deve antecipar-se os fatos como parte do projeto educativo. Turmas de alunos e novos professores devem ser recebidos a cada ano com um diálogo de compromisso, que apresente e aperfeiçoe as regras de convívio para que não se desrespeitem os mestres em seu trabalho, nem os jovens em seu aprendizado. (MENEZES,2007, p.20)

A escola como formadora de cidadãos deve se contrapor a essa realidade de violência para transformar o duelo que há entre professor e aluno em intercâmbio de conhecimentos que só será construído através de laços de amor e respeito mútuo. A escola não pode se conformar com essa situação e precisa enfrentar esse desafio, cultivando afetividade principalmente dentro das salas de aulas, que deve ser um espaço acolhedor e seguro, um ambiente de construção coletivas e de interação. Não precisamos de culpados, mas de uma solução para esse grave problema que atinge a sociedade e consequentemente a escola.
De acordo com pesquisas do Instituto Acadêmico de inteligência, no Brasil, 92% dos professores estão com três ou mais sintomas de estresse e 41% com dez ou mais. É um número altíssimo. Psiquiatras avaliam que quase a metade dos professores

não deveria estar em sala de aula, mas internados numa clínica antiestresse. Os números indicam que os professores estão quase duas vezes mais estressados do que a população de São Paulo, que é uma das maiores e mais estressantes cidades do mundo.
A educação não precisa de reforma, mas de uma revolução. A educação do futuro precisa formar pensadores, empreendedores, sonhadores, líderes, não apenas do mundo em que estamos, mas do mundo que somos. (CURY, 2003, p.153).

Diante disso, precisamos nos voltar para a reconstrução da educação, levando em conta a importância da afetividade entre professores e alunos, e entre alunos, propondo uma prática pedagógica que conduza todos que são parte da sala de aula a desenvolver hábitos que envolvam principalmente o afeto, a atenção, o contato físico, a verbalização das emoções, o interesse pelos valores de cada um; e conscientizar o professor que ao interagir com cada aluno em particular e ao se relacionar com a classe como um todo , transmite não apenas conhecimento, mas também ideais, valores e princípios de vida, contribuindo para a formação da personalidade do educando.
A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos, por isso, a qualidade do ensino é condição necessária à formação moral de seus alunos. Se não promove um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida e, recorrentemente, a que vejam seus projetos de vida frustrados. Ao lado do trabalho de ensino, o convívio dentro da escola deve ser organizado de maneira que os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivificados e compreendidos pelos alunos como aliados à perspectiva de uma “vida boa”. Dessa forma, não somente os alunos perceberão que esses valores e as regras decorrentes são coerentes com seus projetos de felicidade como serão integrados às suas personalidades: se respeitarão pelo fato de respeita-los. (PCN´s- Do Ensino de 1ª A 4ª série, 1997, p.79).

Os parâmetros Curriculares Nacionais advertem que a escola deve ser um lugar onde os valores são pensados, compreendidos e integrados na vida escolar para haver uma educação com qualidade. A escola não pode ser simplesmente reprodutora de conhecimento, mas transformadora de vida e desafiadora da inteligência emocional do aluno fazendo com que ele se sinta parte da sala de aula, para ele querer ser parte dela.
No entanto, a escola não é responsável pela transformação da sociedade como um todo, nem tão pouco pode transformar um país, o que ela pode fazer é desafiar o educador a amar e despertar a esperança do educando demonstrando que é possível mudar, e que vale a pena crer que a educação será mais humana e consequentemente dará mais importância a seu crescimento emocional e intelectual, formando seres humanos aptos a viver sua própria história e construir um futuro melhor.

O PODER DA EMOÇÃO NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA.

O Brasil é um país repleto de emoções, por isso tanta felicidade, tanta energia e garra. Existem dois modos fundamentais distintos de conhecimento que interagem na construção de nossa vida mental. A mente racional, é o modo de compreensão de que, em geral temos consciência, mas, além deste, há a mente emocional que é um sistema de conhecimentos que é impulsivo e poderoso, embora às vezes ilógico.

Nossas emoções foram desenvolvidas naturalmente através de milhões de anos de evolução e como resultado, possui um potencial de nos servir como um sofisticado e delicado sistema interno de orientação, nos alertando quando nossas necessidades humanas naturais não são encontradas. Por exemplo, quando nos sentimos sozinhos, nossa necessidade é encontrar outras pessoas. Quando nos sentimos rejeitados, nossa necessidade é por aceitação.
As emoções, de fato, são muito poderosas e exercem um papel decisivo na vida humana. Isso indica que os mais profundos sentimentos, as paixões e anseios são diretrizes essenciais e que a espécie humana deve grande parte de sua existência à força que elas emprestam nas questões humanas. São as emoções, afirmam os socio biólogos, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos de tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto, em situações de perigo, na experimentação da dor causada por uma perda, na necessidade de não perder a perspectiva apesar dos percalços e na ligação de uma família.
Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo homem, provou ser a mais acertada. À medida que, ao longo da evolução humana, situações desse tipo foram se repetindo, a importância do repertório emocional utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato de esse repertório ter ficado gravado no

sistema nervoso humano como inclinações inatas e automáticas do coração. (GOLEMAN, 1995, P.18).

A emoção é uma fonte valiosa de informação, embora tradicionalmente sejam vistas como algo indigno, impróprio e até mesmo desprezível. O homem civilizado era aquele que controlava ou ocultava suas emoções, e assim desde cedo fomos educados a disfarçar e não expressar nossas emoções. Esta posição levou o homem a um estado de desequilíbrio. Certamente, o comportamento humano deve ser guiado pela razão e pela emoção em conjunto. Ênfase demasiado ou exclusivo em qualquer um dos dois aspectos gera deformação na personalidade.
A emoção é o colorido necessário para a vida do indivíduo, é a visita inconveniente, a surpresa agradável ou desagradável, a expressão mais pura e desenfreada das preferências e dos desgostos do indivíduo que rebeldemente cede espaço para a realização do pensamento. A inteligência, por sua vez, é ponderada, representa as capacidades lógicas do sujeito, submete-se, geralmente, aos caprichos da emoção que invade toda a área corpórea do sujeito, imprimindo-lhe forma e tensão. (ALMEIDA, 1999, p.83).

A cor e o sabor da vida humana estão na emoção, o homem será mais feliz, mais realizado psicologicamente e mais sadio à medida que souber dosar convenientemente a razão e as emoções. Não há por que temer as emoções, pois as nossas emoções e sensações nos ajudam a ajustar nossos limites que são necessários para proteger a nossa saúde física e mental.
O êxito de uma pessoa há pouco tempo atrás era avaliado pelo raciocínio lógico e habilidades específicas, mas o psicólogo Daniel Goleman com seu livro “Inteligência Emocional” provoca uma nova discussão sobre o assunto, assegurando que a inteligência emocional é a maior responsável pelo sucesso ou fracasso das pessoas. Diversos estudos realizados principalmente nos Estados Unidos citados em Goleman (1995), afirmam que o QI (Quociente Intelectual) não explica muito como pessoas em igualdade de condições intelectuais, de escolaridade e de oportunidades seguem caminhos tão diferentes.
O que faz a diferença entre pessoas é a capacidade adquirida na infância de lidar com as frustações, controlar as emoções e de relacionar-se socialmente. Como diz Cury (2003, p.66), “A emoção pode transformar ricos em paupérrimos, intelectuais em crianças, poderosos em frágeis seres”. Pessoas extremamente inteligentes podem se afogar nos recifes de paixões e em impulsos desenfreados e serem péssimas administradoras de sua vida particular se tornando vítimas da sua própria história.

O QUE O AFETO PODE CONSTRUIR NA SALA DE AULA.

Ao contemplar o rosto encantado e feliz dos pequenos alunos sob olha atento e carinhoso do professor, não há como negar a importância do amor na sala de aula. O amor é o gerador de atitudes afetivas, e apenas um gesto de carinho pode ser capaz de sarar um coração e a alma de uma pessoa.
A palavra amor vem do latim amore é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. E professores e todas as pessoas comprometidas com o ato de educar, de formar cidadãos, informar e transmitir conhecimentos, devem acreditar no que o amor pode fazer na vida humana e colocar em prática diariamente esse sentimento genuíno e transformador.

O aprender estar ligado ao ato afetivo, os alunos gostam mais das aulas do professor que é cativante, do professor que consegue escutar com atenção ao invés de só falar, e quando fala consegue alcançar o coração do educando. Cury (2007, p.20) “Quem ama seu mestre, ama a matéria que ele ensina. Quem não ama seu professor, dificilmente amará suas ideias”.
Toda transformação que aconteceu na sociedade foi resultado de um grupo que passou a amar o idealizador e adotaram a ideia e foram capazes de atos heroicos, outros de atos desumanos, mas todos em nome do amor a uma causa. Os que amaram os poetas se tornaram românticos sonhadores, os que amaram os idealizadores da liberdade e do bem comum tornaram-se revolucionários, os que amaram loucos e cruéis tornaram-se fanáticos, violentos e exterminadores de inocentes.
O mestre tem de transbordar afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos. (CHALITA, 2001, P.162).

O professor costuma ser considerado um exemplo para os alunos, quase sempre sem ter consciência exata disso, o professor transmite a seus alunos atitudes positivas ou negativas em relação ao estudo e aos colegas, transmitindo seus preconceitos, suas crenças e valores. O aluno aprende muito mais com o que o professor faz ou deixa de fazer, do que com aquilo que o professor fala. É importante que o professor tenha consciência de que além de mero transmissor de conhecimentos, ele é mais um dos exemplos adultos que os alunos em desenvolvimento poderão vir a imitar.

O AFETO E A INTELIGÊNCIA HUMANA

A formação e o desenvolvimento da personalidade de uma pessoa são constituídos basicamente por duas funções, a afetividade e a inteligência, e consequentemente, esse processo depende da evolução de cada uma.

A necessidade de ter uma vida afetiva acompanha o ser humano desde de muito cedo. De maneira geral, pode-se dizer que, a vida da criança é inteiramente afetiva, e que no fim deste período, as principais formas de afetividade do futuro adulto já estão estabelecidas. É a afetividade que constitui o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional.

É possível observar na prática como as crianças portadoras de bloqueios afetivos apresentam reações agressivas e inibições intelectuais, e como as que possuem uma boa relação afetiva apresentam-se seguras e tem seu desenvolvimento intelectual facilitado (CURY, 2003, P.97), diz que “Por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto”.

Antes de qualquer separação entre a afetividade e a inteligência, existe uma integração que as permitem conviver mesmo quando o período é propício a preponderância de apenas uma delas. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do seu desenvolvimento; e o educador é o elemento chave para esse desenvolvimento e formação de seres humanos plenos que sabem pensar antes de reagir, sabem trabalhar em equipe, que são solidários e conseguem ver a necessidade do outro e se compadecer.

O afeto pode mudar vidas e reescrever histórias. As relações estabelecidas na sala de aula são primordiais para o resgate de vidas fortemente atingidas pelo preconceito, ansiedade, pessimismo e agressividade. Reencontrar o sentido de solidariedade e restabelecer com as crianças e os jovens, laços de caráter afetivo, ético, social e político, exige compromisso e amor por parte do professor e desempenho e participação da instituição educacional, que é a escola.

O filme Escritores da Liberdade (Freedom Writers, EUA, 2007), baseado em fatos reais, retrata muito bem a eficácia do afeto na transformação de vidas. O filme conta a história de uma professora inexperiente, que movida pela solidariedade e amor resolve desafiar a realidade levando uma turma de adolescentes a voltar a sonhar e acreditar que a vida pode ser melhor se ousarmos enfrentar os nossos medos pela esperança de viver um sonho. A professora acreditava na vida e na capacidade de seus alunos, e os estimulava a acreditar em si. “Leve os jovens a sonhar. Se eles deixarem de acreditar na vida, não haverá futuro”. (CURY, 2003, p.146). Aquela professora teve coragem de tornar em realidade o discurso proclamado por muitos e foi capaz de despertar aqueles jovens a batalharem pelos seus propósitos e voltar a ter esperança e acreditar em um futuro melhor, escrito pela perseverança e pela força de cada um.

O papel da escola, entretanto, renova-se com estudos e descobertas sobre o comportamento cerebral e, nesse contexto, a nova escola é que assume o papel de “central estimuladora da inteligência”. Se a criança já não precisa ir à escola para simplesmente aprender, ela necessita da escolaridade para “apender a aprender”, desenvolver suas habilidades e estimular sua inteligência. O professor não perde espaço nesse novo conceito de escola. Ao contrário, transforma a sua na mais importante das profissões, por sua missão de estimulador da inteligência e agente orientador da felicidade. (ANTUNES, 19988, p.13).

A era digital é uma realidade na vida humana, está acontecendo um novo tempo e muito rápido, uma época em que predomina o virtual em vez do real. As informações são rápidas e precisa-se estar freneticamente atualizado, e na escola analisam novas formas de construção do conhecimento, no entanto, o que não se pode admitir é que o computador substitua o professor e que esse não perca sua importância ou mesmo seja esquecido, pois mesmo que as máquinas evoluam jamais poderão substituir o professor.

As novas tecnologias devem ser aliadas do ensino e devem ser usadas da melhor forma possível para promover uma educação de qualidade para todos. Uma ferramenta incontestável que dinamiza e facilita o aprendizado do educando; mais as barreiras do virtual deve ser rompida pelo fortalecimento dos relacionamentos através de expressões reais de afeto como um aperto de mão, um abraço e o companheirismo.

A escola deve promover a importância do afeto para alcançar o educando e prepara-lo para desenvolver habilidades de superar os desafios que a vida cotidiana oferece, só assim, a escola estará formando pessoas equilibradas, capazes de harmonizar o racional e o emocional.

EDUCADOR: UM SER NECESSARIAMENTE AFETIVO.

O educador é um ser humano como os demais, com desafios familiares, trabalho, relacionamentos, frustações; construtor de sua própria história, é parte de um meio que o envolve e que influencia na construção de sua vida, de seus sentimentos e de suas

ações. Sujeito tanto ao acerto como ao erro, mas responsável por uma grande missão de construir conhecimento e habilidades físicas e emocionais no processo de elevação cultural e formação de personalidade do educando, atuando na transformação do educando e consequentemente em sua própria transformação.

O educador deve ser uma pessoa naturalmente afetiva para desenvolver e aperfeiçoar a sensibilidade dentro da sala de aula. Tem que ter a competência de saber que educar está muito além de transferir conhecimento. E que educar não é apenas uma forma de intervir no que está errado, mas desafiar o educando a refletir no seu erro e juntos descobrir a melhor forma de chegar no acerto. Educar é auxiliar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, e o seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar o próximo com seus defeitos e qualidades. É oferecer as ferramentas necessárias para a criança escolher o seu caminho de acordo com seus valores e sua visão de vida, superando as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. O afeto é o que todo ser humano de uma forma ou de outra precisa. Um educador faz a diferença na vida do aluno quando se propõe e estabelece um vínculo de afeto com educando.
O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses, passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.73).

O professor tem que ter atitudes solidárias e abandonar o medo de se expor de ter um gesto afetivo, deve aprender a ver a beleza das pequenas coisas e descobrir o prazer de viver e ser feliz para transmitir e marcar positivamente o educando, e se não consegui tal feito é necessário saber que o educando não é o culpado pela decadência de seu viver. O educador ideal ajusta-se as necessidades e ao nível do desafio de educar e buscar todas as possibilidades para garantir ao aluno a marca do conhecimento significativo para sua vida.
Somos professores? Muito mais! Somos educadores? Mais ainda! Somos vendedores de sonhos! Vendemos sonhos para o abatido se animar, para o tímido ousar, para o ansioso se tranquilizar, para o poeta se inspirar e para o pensador criticar e criar. Sem sonhos, somos servos! Sem sonhos, obedecemos a ordens! Que vocês, alunos, sejam grandes sonhadores. E se sonharem, não tenham medo de caminhar, e se caminharem, não tenham medo de tropeçar! E se tropeçarem, não tenham medo de chorar. Levantem-se, pois não há caminhos sem acidentes. Deem sempre uma nova chance para si mesmos. Pois a liberdade só é real se, após falharmos, existir o direito de recomeçar. (CURY, 2007, P.138, 139).

O educador é responsável pela causa do educando e deve se mostrar solidário a essa, e ter ações que fortaleçam elos. Uma pequena luzinha é capaz de clarear um quarto escuro e um pequeno gesto de carinho do educador é capaz de renovar esperança no coração do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse trabalho foi possível constatar que o afeto na sala de aula traz grandes benefícios para o aprendizado, e para o crescimento emocional e afetivo do educando e que as escolas devem humanizar o conhecimento para favorecer um ambiente emocional adequado, gerando um bom relacionamento entre o professor e o aluno, o que facilitará a transmissão do gosto pelo conhecimento. O educando precisa de um ambiente agradável para se sentir seguro e confiante na construção do conhecimento, pois o reflexo de uma sala de aula que existe amor, companheirismo e carinho vai além do que podemos imaginar, capaz de marcar positivamente a nossa alma nos motivando a sermos seres humanos melhores e superar todos obstáculos propostos pela vida.
Enfim, a pesquisa também apresenta o professor como o principal responsável em criar e fortalecer vínculos, criando um forte elo de estímulos a desbravar o caminho do conhecimento; porém, não quer dizer com isso, que o professor seja o único responsável pelo fracasso ou sucesso escolar; a família e o corpo escolar da mesma forma devem se comprometer a criar e fortalecer vínculos afetivos que ajudam no desempenho de um aprendizado efetivo e significativo para o educando.
Enquanto a escola estiver valorizando o racional, o conhecimento separado do afetivo e apresenta-se imparcial às emoções e aos sentimentos do educando, o resultado será indisciplina, ansiedade, humilhações, dor e agressões. A solução não está em encontrar culpados e puni-los, mas em nos conscientizarmos que, como educadores, precisamos semear amor, carinho e afeto nas nossas salas de aulas, para que no futuro venhamos colher a segurança, lealdade e profundas amizades e, principalmente a paz entre os homens.

REFERÊNCIAS